



O ABASTECIMENTO E A UTILIZAÇÃO DE ÁGUA NA CIDADE

Do passado à atualidade

Maria da Conceição Rodrigues

O abastecimento de água à cidade de Évora, desde a sua origem até aos nossos dias, é um tema bastante interessante, devido à sua complexidade e à existência de um riquíssimo património hidráulico, que tem sido preservado e revitalizado.

Os conhecidos banhos públicos de *Ebora Liberalitas Iulia*, patentes ao público, foram descobertos em Novembro de 1987, no subsolo do edifício dos Paços do Concelho. Construídos entre os séculos I e II d.C., a sua utilização dar-se-á até ao século V.

Antiguidade

Nesta época, tão remota, o abastecimento de água incluía a sua captação em cisternas, nascentes e poços, e a sua posterior condução para chafarizes, fontes, tanques e termas da cidade.

Exibindo já algumas provas científicas consistentes, considera-se a possibilidade do Aqueduto da Água da Prata, do período renascentista, ter sido construído no trajecto de um outro mais antigo, que terá sido edificado no período da cidade romana, então denominada *Ebora Liberalitas Iulia*.

Nas cidades romanas a água era essencial para a higiene e cuidados sanitários da população, existindo mesmo sistemas de canalizações para esses efeitos. Os seus banhos públicos eram espaços que serviam para a sociabilização e para o bem-estar físico.

Idade Média

Neste período, o crescimento da cidade e o possível desmoronamento, e desactivação, do aqueduto romano dificultaram o abastecimento de água, que se baseava ainda em captar água em cisternas, nascentes e poços, para alimentar os chafarizes e os banhos públicos. Para além disso, também as ribeiras eram usadas para satisfazer necessidades domésticas e industriais, utilizando-se nas actividades produtivas moinhos e azenhas. No termo da cidade havia também açudes e represas para compensar o débito irregular das ribeiras.

A água era uma das maiores fontes de energia da indústria e era indispensável à higiene urbana.

O Chafariz das Bravas ao ser representado no Foral Manuelino de 1501 tornou-se um imóvel emblemático da cidade. Antigamente era abastecido por nascentes próprias.

Provavelmente o escoamento de águas sujas e pluviais era realizado a céu aberto, escoando pelas regueiras da rua.

Existiam vários banhos públicos que eram explorados por particulares. Será a partir dos meados do século XIV, devido à Peste Negra e à consciencialização de que a água era prejudicial à saúde e de que a degradação moral estava associada aos banhos, que estes locais de lazer tendem a desaparecer.



Idade Moderna

No século XVI, com a construção do Aqueduto da Água da Prata, que era urgente, a nova água passou a ser fornecida em fontes próprias, tal como em chafarizes, tanques públicos e particulares, existindo fiscalização por parte dos Vereadores, do Juiz e do Provedor do Cano.

Com cerca de 18,5 km de comprimento, o aqueduto conduz a água que provém da zona entre a Graça do Divor e Metrógos, chegando à cidade através de arcaria imponente.

Com a construção do aqueduto, algumas instituições, como conventos, recolhimentos, colégios, a cadeia e o hospital, e algumas casas senhoriais passam a ter abastecimento próprio - assumindo, por isso, a denominação de donatários particulares -, pois o aqueduto é construído de modo a passar junto desses imóveis e a chegar ao palácio real.



A Fonte da Praça do Giraldo é um dos mais belos monumentos da cidade, que antes recebia água do aqueduto. Foi construída durante o século XVI, provavelmente entre 1571 e 1573.

O Aqueduto da Água da Prata, classificado como Monumento Nacional, desde 1910, é uma grande obra de engenharia hidráulica do período renascentista. A sua construção foi dirigida pelo arquiteto-mor da Comarca, Francisco de Arruda, que tinha dirigido o início das obras do Aqueduto das Amoreiras, em Elvas. Trecho artístico importante que foi idealizado por Francisco de Arruda. Presentemente a torrinha alberga duas réplicas de esculturas, a de São Bruno, virada para o Convento da Cartuxa, e a de São Bento, virada para o Convento São Bento de Cástris, ambas são em mármore, da autoria do artista calipolense Pedro Paulo Louro, e datam provavelmente de 1966.

Idade Contemporânea

No século XIX, o aqueduto estava em risco de ruína, tendo-se, por isso, realizado uma grande obra de reconstrução. Com as novas técnicas da época foi possível construir alguns novos troços do aqueduto, mais eficazes, abandonando-se alguns troços seiscentistas e que ainda hoje são visíveis.

Nesta época, generaliza-se a importância da higiene na saúde, recomendando-se o banho como um meio indispensável para a higiene e cuidado do corpo. Em Évora o aumento populacional foi-se verificando progressivamente, sobretudo a partir do século XX, exceptuando a quebra populacional provocada pela epidemia da gripe pneumónica de 1918.

Devido a esta conjuntura, surge a primeira rede de distribuição de água à cidade. Constituída por numerosos tubos no subsolo, esta rede de



O antigo carro da água que data de 1926 servia para transportar água e lavar as ruas. Arquivo Fotográfico da CME, David Freitas - década de 50 (provavelmente)

distribuição era bastante deficitária, por estar dependente das ligações às várias caixas do aqueduto.

Durante o século XX, dá-se a remodelação e a ampliação das captações do aqueduto, surgindo a Central Elevatória de Águas (CEA). Esta, localizada no centro histórico da cidade, presentemente é uma unidade museológica que testemunha a grande inovação tecnológica que permitiu a criação de um sistema eficaz de distribuição de água ao domicílio.



O antigo carro da água é uma peça rara no meio automobilístico e única dentro da história local de Évora que a autarquia decidiu restaurar.

Após a construção da CEA, ao longo do tempo, criaram-se soluções para aumentar o caudal de água. Primeiramente, através da perfuração de novas captações e construção de poços e, numa segunda fase, em 1966, a cidade passou a receber água da nova Albufeira do Divor, o que reforçou bastante o caudal do aqueduto. Contudo, em 1995, como a água daquela albufeira não apresentava a qualidade necessária, o abastecimento à cidade passou a ser garantido por uma nova albufeira, a do Monte Novo.

Através da construção da Barragem do Monte Novo o abastecimento à cidade deixou de depender da região da Graça do Divor e, nomeadamente, do Aqueduto da Água da Prata. A evolução tecnológica passou a permitir a adução de água por condutas.



A Barragem do Monte Novo abastece hoje o concelho de Évora e também Reguengos de Monsaraz e Mourão.

E atualmente já existe a ligação da Barragem do Monte Novo ao Canal do Alqueva, eliminando-se o risco de falta de água nos períodos de seca.

Atualmente, o Aqueduto da Água da Prata continua a funcionar, o que é um orgulho para a cidade e um caso raro no contexto nacional, havendo possibilidade de se aproveitar a água. O ponto de receção da mesma, bem como da água da Barragem do Monte Novo, é nos reservatórios do Alto de São Bento, os quais substituíram a Central Elevatória de Águas na década de 70 do século passado.



A Barragem da Graça do Divor, concluída em 1965, foi construída com a finalidade de fornecer água para Évora, Arraiolos e Igrejinha.



- 1 BANHOS PÚBLICOS DE EBORA *LIBERALITAS IULIA*
- 2 AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA
- 3 FONTE DA PRAÇA DE GIRALDO
- 4 CENTRAL ELEVATÓRIA DE ÁGUAS